

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

109

INSCRIÇÕES 479-480



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



INSCRIÇÕES NA *VILLA* ROMANA DE RIO MAIOR
(*Conventus Scallabitanus*)

Sob direcção de José Beza Moreira e de Carlos Pereira, foram realizados, em 1995, trabalhos arqueológicos na *villa* romana de Rio Maior (freguesia e concelho de Rio Maior).¹ Foi o respectivo relatório superiormente apresentado na devida altura e aprovado; contudo, pelo seu carácter invulgar, cremos ser de interesse dar conhecimento das marcas de construção aí então identificadas, assim como de uma placa – eventualmente funerária – daí proveniente também.

As marcas de construção

Refere-se no relatório a identificação – nos quadrados I-27, I-28, I-29, I-40 e I-41 – de um tanque porticado, quase rectangular, de 8,25/8,15 m x 3,65/3,60 m (Fig. 1 e 2), possivelmente enquadrado em área de termas. Temos em torno deste tanque dois *cubicula* e um *triclinium*, entre outros espaços ainda não identificados, o que nos leva a ponderar estarmos perante o peristilo da *domus*, com o respectivo *impluvium*.

Havia nesse pórtico oito colunas, de que subsistiram *in situ*

¹ Sobre a importância desta *villa*, podem consultar-se: a notícia «*Villa* romana de Rio Maior», publicada por J. Beza Moreira (*Boletim de Estudos Clássicos*, 24, Dezembro de 1995, p. 160) e, sobre os seus mosaicos, a dissertação de mestrado de Cristina Fernandes de Oliveira, *A villa romana de Rio Maior: estudo de mosaicos*, Coimbra, 2003, acessível em <http://hdl.handle.net/10316/9785>, que viria a ser publicada pelo Instituto Português de Arqueologia, na série de *Trabalhos de Arqueologia*, sob o nº 31, Lisboa, 2003.

sete bases, não totalmente equidistantes entre si, pois o intervalo entre elas é, na parede norte, de 2,60 m, enquanto que, na parede meridional, esse intervalo é de 2,56 m.

Apresentam as bases uma letra gravada.

No canto sudoeste do quadrado I-27, há a letra S (FIG. 3). Na parede norte do quadrado I-28, duas bases embutidas: uma no canto nordeste (a coluna teria 37 cm de diâmetro), com um K (FIG. 4); outra, a noroeste (seria também de 37 cm o diâmetro da coluna), apresenta uma *hedera* (FIG. 5). No quadrado I-29, na parede norte do tanque, outras duas bases: uma com a letra R (diâmetro da coluna: 32 cm) (FIG. 6) e a segunda, no cunhal noroeste, com um A (diâmetro da coluna: 40 cm) (FIG. 7). No canto sudoeste do tanque, posto a descoberto no quadrado I-41, uma base tem um N (diâmetro da coluna: 39 cm) (FIG. 8) e outra (de 39 cm de diâmetro) um M (FIG. 9).²

Oscila entre os 6 cm (do K) e os 11 da hera, o tamanho desses ‘signos’, gravados claramente à mão levantada: veja-se o M esguio, a dar ideia de que foi desenhado com um só movimento; o R feito a partir de um P, mas a denotar hesitações no traço; o A em jeito de lambda, com a haste da esquerda mais comprida; o S tendencialmente simétrico; a hera bem cordiforme e de elegante pecíolo. Não se negará, todavia, que é este um notável conjunto de que, mui possivelmente, será difícil encontrar paralelos, pois que raramente haverá eventualidade de aceder a espécimes com estas características.

Adiantávamos já, no relatório, de que essas letras e a hera constituiriam «sinais indicativos da localização, sem que, porém, nos seja possível garantir se nela haveria a ordem do abecedário ou qualquer outra». Com efeito, não estamos, certamente, perante uma marca de canteiro, pois, nesse caso, a letra seria

² Quanto ao facto de as colunas não terem todas o mesmo diâmetro, somos levados a supor que as mesmas tenham sido reaproveitadas no tanque, vindas de edificios destruídos (provavelmente da própria *villa*). Aliás, verificou-se, no decorrer da escavação, que algumas das bases ostentavam restos de um rebordo (rampeado), que se destinava, mui provavelmente, a disfarçar o diferencial entre o menor diâmetro de alguns dos fustes e a base onde assentavam, ficando, assim, reforçada a hipótese de reaproveitamento de materiais provenientes da *villa* do séc. I.

uma só. Também no caso de mais do que um canteiro as terem executado, era lógico que nos surgissem letras repetidas. Poderá ter acontecido o seguinte: o proprietário encomendou as colunas e o canteiro, para as irmanar com os fustes, quando as tivesse de erguer, marcou-as com as mesmas letras daqueles, de forma a facilitar o seu trabalho final (FIG. 10). Esta hipótese só poderá, no entanto, ser confirmada quando se encontrar algum fuste gravado, o que ainda não aconteceu.

Note-se, de modo especial, a elegância da *hedera*, mormente se pensarmos que se trata de sinal a ficar oculto na construção. Por outro lado, o uso do K mostra, por seu turno, um grau de cultura não despreciando.

A placa

Recolheram-se, em reutilização, no quadrado I-40, três fragmentos de uma placa epigrafada (FIG. 11), de calcário local acinzentado. Juntando-os, foi-nos possível identificar o canto superior direito de uma epígrafe, inserida em campo limitado por ranhura.

Na l. 1, o A final, bem desenhado e gravado com goiva – como o são os demais caracteres – de vértices inferiores em triângulo e com barra mediana um tudo-nada abaixo da linha média da letra. A antecede-lo, os vestígios superiores de uma letra, que nos parece ser N, atendendo aos recortes visíveis.

Na l. 2, não há dúvidas de leitura, estando o I separado do F por um ponto redondo e profundo. Há, na l. 3, um traço vertical e vestígio de um outro; seríamos tentados a ver aí o H de uma hipotética fórmula final de texto funerário – *H(ic) S(ita) E(st) –*, mas não o podemos garantir.

Dimensões do fragmento: (31,4) x (16) x 3,3.

Campo epigráfico: (20) x (11,5).

[...]NA / [...]NI · F(*ilia*) / H [?] [...]

Altura das letras: l. 1: 5,8; l. 2 e 3: 4,5.

Poderá ser o epitáfio de uma mulher, aqui identificada por um nome terminado em *-na*. Na l. 2, viria a indicação do patronímico.

Dada a gravação em goiva e – por quanto nos é dado supor – a singeleza do epitáfio, não se nos afigura arriscado datar o monumento de princípios do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ BELEZA MOREIRA
CARLOS PEREIRA



1



2



3



4



5



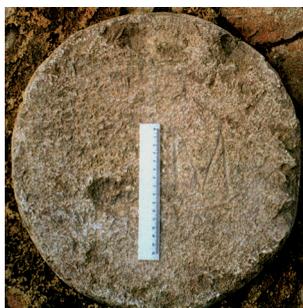
6



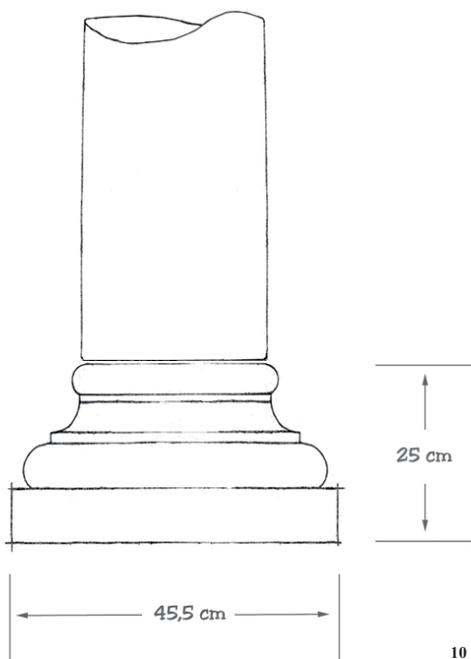
7



8



9



480



11

480